

ilha das memórias

nora roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

Em memória da minha avó, a dos brilhantes cabelos ruivos

PRIMEIRA PARTE

INOCÊNCIA PERDIDA

Nenhuma aquisição de culpa pode compensar a perda daquela íntima serenidade de espírito, que é a companheira certa da inocência e da virtude; nem tão-pouco pode equilibrar o mal do horror e da ansiedade que, em seu lugar, a culpa introduz no nosso seio.

— HENRY FIELDING

Capítulo Um

Na sexta-feira, dia 22 de julho de 2005, Simone Knox pediu uma grande *Fanta* de laranja para acompanhar as pipocas e as gomas. Essa escolha, habitual nas noites de cinema, mudou a sua vida e, muito provavelmente, salvou-a. Ainda assim, ela nunca mais voltaria a beber *Fanta*.

Mas, naquele momento, ela só queria instalar-se no cinema com as suas melhores amigas de SEMPRE e perder-se na escuridão.

Porque a sua vida — presentemente e sem dúvida até ao fim do verão, quiçá para todo o sempre — era uma autêntica droga.

O rapaz que amava, o rapaz com quem havia saído *exclusivamente* durante sete meses, duas semanas e quatro dias, o rapaz com quem se havia imaginado a passar o último ano de estudos — de mãos dadas, sem reservas — tinha acabado tudo com ela.

Através de uma mensagem de telemóvel.

*farto d perder tempo pk tenho de tar c alguém disposto a tar plenamente comigo
e essa pessoa n és tu então isto acaba aki adeus*

Certa de que ele não podia estar a falar a sério, ela tentara ligar-lhe, mas ele não atendera. Ela havia enviado três mensagens, humilhando-se.

Depois entrara na página dele no MySpace. *Humilhação* era uma palavra demasiado branda para descrever o que ela havia sentido.

*Troquei o velho modelo DEFEITUOSO por um novo escaudante.
Sai Simone!
Entra Tiffany!
Livrei-me de uma FALHADA e vou curtir o verão e o último ano de
estudos
com a miúda mais gira dos finalistas de 2006.*

O *post* dele, com fotografias, já havia gerado comentários. Ela podia ser suficientemente inteligente para saber que ele pedira aos amigos que dissessem coisas desagradáveis e cruéis a seu respeito, mas isso não diminuía a dor nem a vergonha.

Simone sofreu durante dias. Recebeu o consolo e a raiva justificada das suas duas melhores amigas. Enfureceu-se com as provocações da irmã mais nova, arrastou-se até ao trabalho de verão e até às aulas de ténis semanais no clube que a mãe fazia questão que frequentasse.

Uma mensagem da avó deixou-a chorosa. CiCi podia estar a meditar com o Dalai Lama no Tibete, a curtir com os Stones em Londres ou a pintar no seu *atelier* em Tranquility Island, mas conseguia sempre descobrir tudo e mais alguma coisa.

*Agora dói e a dor é real, então abraço-te, meu tesouro. Mas daqui a
umas semanas perceberás que ele não passa de mais um cretino.
Ânimo e namasté.*

Simone não achava que Trent fosse um cretino (embora Tish e Mi concordassem com CiCi). Talvez a tivesse descartado, de uma maneira verdadeiramente cruel, só por ela se recusar a fazer aquilo com ele. Simplesmente não estava preparada para o fazer. De resto, Tish tinha-o feito com o ex-namorado depois do baile de finalistas, e mais duas vezes, e ele deixara-a de qualquer maneira.

O pior era que ela ainda amava Trent e, no seu desesperado coração de dezasseis anos, sabia que não voltaria a amar mais ninguém, nunca. Embora tivesse arrancado as páginas do seu diário em que havia escrito os seus nomes futuros — Sra. Trent Woolworth, Simone Knox-Woolworth, S. K. Woolworth —, as tivesse reduzido a pedacinhos e queimado juntamente com todas as fotografias que tinha dele numa fogueira no pátio durante uma cerimónia de empoderamento feminino com as amigas, ainda o amava.

Mas, como salientava Mi, ela tinha de viver, embora parte de si só quisesse morrer, por isso deixara as amigas arrastarem-na até ao cinema.

De qualquer modo, estava cansada de ficar a amuar no quarto e não lhe apetecia nada andar às voltas pelo centro comercial com a mãe e a irmã mais nova, por isso o cinema venceu. E Mi também venceu, dado que era a sua vez de escolher, portanto Simone teria de grammar um filme qualquer de ficção científica chamado *A Ilha*, que Mi estava desejosa de ver.

Tish não se importou com a escolha. Enquanto futura atriz, sentia que assistir a filmes e a peças de teatro era não só um dever, mas também uma formação para a sua carreira. Além disso, Ewan McGregor era um dos cinco atores de cinema preferidos de Tish.

— Vamos sentar-nos. Eu quero arranjar bons lugares. — Baixa e compacta, de olhos escuros e dramáticos e densos cabelos pretos, Mi agarrou nas suas pipocas sem manteiga fingida, na sua bebida e nos seus favoritos *M&M's* de amendoim.

Mi havia completado dezassete anos em maio, saía esporadicamente, visto que de momento preferia a ciência aos rapazes, e só não era apelidada de *nerd* devido ao seu valor enquanto ginasta e ao posto cativo na claque de animação desportiva.

Uma claque infelizmente liderada por uma tal Tiffany Bryce, ladra de namorados e galdéria.

— Preciso de ir à casa de banho. — Tish passou uma embalagem dupla de pipocas com manteiga fingida, uma *Coca-Cola* e um pacote de *Junior Mints* às amigas. — Eu encontro-vos.

— Não percas tempo a retocar a maquilhagem e o cabelo — advertiu-a Mi. — De qualquer modo, ninguém conseguirá vê-los depois de o filme começar.

E ela já era perfeita, pensou Simone enquanto tentava equilibrar a embalagem de pipocas de Tish a caminho de uma das três salas de cinema do centro comercial DownEast.

Tish tinha uns lisos e sedosos cabelos longos castanhos, com madeixas douradas profissionais porque a *sua* mãe não estava estagnada nos anos cinquenta. O seu clássico rosto oval — Simone adorava estudar rostos — tinha umas covinhas que lhe conferiam um encanto sedutor. E as covinhas seduziam com frequência, visto que Tish encontrava sempre uma razão para sorrir. Simone supunha que também sorriria bastante se fosse alta e curvilínea, e tivesse olhos azul-claros e covinhas.

Para além disso *tudo*, os pais de Tish apoiavam totalmente a sua ambição

de seguir a carreira artística. Na opinião de Simone, tinha-lhe saído o *jackpot*. Tinha beleza, personalidade, inteligência e uns pais modernos.

Mas, de qualquer modo, Simone adorava Tish.

As três já haviam feito planos, secretos por enquanto porque os pais de Simone eram completamente retrógrados, de passarem o verão em Nova Iorque depois de concluírem o liceu.

Talvez se mudassem para lá; era decerto mais emocionante do que Rockpoint, no Maine.

Na opinião de Simone, até uma duna de areia do Sahara era decerto mais emocionante do que Rockpoint, no Maine.

Mas Nova Iorque? Luzes brilhantes, montes de gente.

Liberdade!

Mi podia estudar medicina na Columbia, Tish podia estudar representação e fazer audições. E ela... podia estudar alguma coisa.

Alguma coisa que não fosse direito, como queriam os seus retrógrados pais. Nada surpreendente, e *tão* patético e estereotipado, porque o seu pai era um advogado importante.

Ward Knox ficaria dececionado, mas era assim que tinha de ser.

Talvez estudasse arte e se tornasse uma artista famosa como CiCi. Os pais ficariam completamente passados com *isso*. E, tal como CiCi, teria e descartaria amantes a seu bel-prazer. (Quando estivesse preparada para fazer aquilo.)

Trent Woolworth ia ver.

— Volta — ordenou Mi, dando-lhe uma cotovelada.

— O quê? Estou aqui.

— Não, estás na Zona de Cisma da Simone. Sai daí, junta-te ao mundo.

Talvez ela gostasse de estar na ZCS, mas...

— Tenho de abrir a porta com o poder da minha mente porque tenho as mãos ocupadas. Muito bem, feito. Estou de volta.

— A mente de Simone Knox é algo fascinante de observar.

— Tenho de a usar para o bem e não para derreter a Tiffany até a transformar numa poça de gosma de galdéria.

— Não precisas de o fazer. O cérebro dela já é uma poça de gosma de galdéria.

As amigas sabiam sempre o que dizer, pensou Simone. Regressaria ao mundo com Mi e Tish, quando Tish parasse de retocar o rosto e o cabelo já perfeitos e voltasse, e deixaria para trás a ZCS.

Uma estreia na sexta-feira à noite significava entrar numa sala de cinema

já meio-cheia. Mi escolheu três lugares centrais e ocupou o terceiro a contar da coxia para que Simone, ainda sensível, se sentasse entre si e Tish, cujas pernas mais compridas agradeciam o lugar da coxia.

Mi virou-se no seu assento. Já havia calculado que tivessem seis minutos até as luzes se apagarem.

— Tens de ir à festa da Allie amanhã à noite.

A ZCS acenou-lhe. — Não estou preparada para uma festa e sabes que o Trent vai estar lá com a Tiffany do cérebro-gosma-de-galdéria.

— É essa a *questão*, Sim. Se não fores, todos vão pensar que estás, tipo, a esconder-te, que não o esqueceste.

— Estou e não o esqueci.

— A *questão* — insistiu Mi. — Não lhe dê essa satisfação. Vem conosco. A Tish vai com o Scott, mas ele é fixe. Veste algo espetacular e deixa a Tish maquilhar-te, porque ela tem muito jeito. E age tipo: Quem? O quê, ele? Sabes, como se ele já não significasse nada para ti. Passa uma mensagem.

Simone sentia o chamamento da ZCS. — Acho que não consigo fazer isso. A Tish é que é a atriz, não eu.

— Fizeste de Rizzo em *Grease*, no musical de primavera. A Tish esteve incrível no papel da Sandy, mas tu fizeste uma Rizzo igualmente incrível.

— Porque tive aulas de dança e sei cantar um pouco.

— Tu cantas muito bem... e foste fantástica. Sê a Rizzo na festa da Allie; mostra-te confiante, *sexy* e lixa-te para o resto.

— Não sei, Mi. — Mas ela conseguia, mais ou menos, imaginar. E como Trent, vendo-a cheia de confiança, *sexy* e a lixar-se para tudo, iria querê-la de novo.

Então Tish entrou a correr, sentou-se e agarrou na mão de Simone. — Tu não te vais passar.

— Porque é que eu... Oh, não. Por favor!

— A cabra está a retocar o batom de brilho e o cretino está parado em frente da porta da casa de banho das senhoras como um bom cãozinho.

— Droga. — Mi apertou o braço de Simone. — Se calhar vão assistir a um dos outros filmes.

— Não, vêm para cá, porque a minha vida é assim.

Mi apertou-lhe o braço com mais força. — Nem sequer penses em ir-te embora. Ele via-te e tu ias parecer e sentir-te uma falhada. Tu não és uma falhada. Este é o teu ensaio para a festa da Allie.

— Ela vai? — As covinhas de Tish surgiram subitamente. — Convenceste-a a ir?

— Estamos a tratar disso. Senta-te. — Mi inclinou-se ligeiramente. — Tens razão, eles vêm aí. Fica quieta — ciciou ela quando o braço de Simone tremeu sob a sua mão. — Não lhes dê atenção. Estamos aqui contigo.

— Estamos contigo, agora e para sempre — ecoou Tish, apertando a mão de Simone. — Nós somos um... um muro de desdém. Entendes?

Passaram por elas; a loura dos longos cabelos encaracolados e calças de ganga curtas e justas, e o menino bonito — alto, extremamente atraente, *quarterback* da equipa Wildcats do liceu.

Trent dirigiu a Simone o sorriso dengoso que em tempos lhe havia derretido o coração e deslizou deliberadamente uma mão pelas costas de Tiffany até ao traseiro, deixando-a ficar aí.

Tiffany virou a cabeça quando Trent lhe segredou ao ouvido, e olhou por cima do ombro. Esboçou um sorriso presunçoso com os seus lábios perfeitos, acabados de retocar com brilho.

Apesar de ter o coração destroçado, de sentir um vazio na sua vida devido à falta de Trent, Simone tinha ainda demasiado da avó dentro de si para aceitar aquele tipo de insulto.

Sorriu com igual presunção e espetou o dedo médio.

Mi soltou uma risadinha. — Muito bem, Rizzo.

Embora o seu coração destroçado batesse com força, Simone obrigou-se a ver Trent e Tiffany sentarem-se três filas abaixo e começarem de imediato a curtir.

— Todos os homens querem sexo — disse Tish com sapiência. — Quer dizer, porque não haveriam de querer? Mas quando é só isso que querem, não valem a pena.

— Nós somos melhores do que ela. — Mi passou os *Junior Mints* e a *Coca-Cola* a Tish. — Porque é só isso que ela tem.

— Tens razão. — Os olhos podiam arder-lhe um pouco, mas ela sentia um ardor no coração e esse ardor era de cura. Entregou as pipocas a Tish. — Vou à festa da Allie.

Tish soltou uma gargalhada, deliberadamente trocista e ruidosa. O bastante para sobressaltar Tiffany. Tish sorriu para Simone. — Seremos as rainhas da festa.

Simone prendeu as suas pipocas entre as pernas para poder dar as mãos às amigas. — Adoro-vos.

Quando a apresentação dos *trailers* chegou ao fim, Simone já tinha deixado de observar as silhuetas três filas abaixo. Quase completamente. Estivera à espera de cismar durante o filme — na verdade, planeava fazê-lo — mas

deixou-se envolver. Ewan McGregor *era* de sonho, e ela gostava do quão forte e corajosa Scarlett Johansson parecia ser.

Mas, passados quinze minutos, deu-se conta de que deveria ter ido com Tish à casa de banho — embora isso tivesse sido um desastre, com Tiffany dos lábios brilhantes lá dentro — ou que deveria ter bebido a *Fanta* com muito mais calma.

Vinte minutos depois, desistiu. — Tenho de fazer xixi — sussurrou ela.

— Vá lá! — sussurrou Mi em resposta.

— Serei rápida.

— Queres que vá contigo?

Ela abanou a cabeça a Tish e passou-lhe o que restava das pipocas e da *Fanta*.

Passou diante delas arrastando os pés e subiu rapidamente a coxia. Virou à direita, correu para a casa de banho das senhoras e abriu abruptamente a porta.

Vazia, não era preciso esperar. Aliviada, entrou num dos cubículos e re-fletiu enquanto esvaziava a bexiga.

Havia dominado a situação. Talvez CiCi estivesse certa. Talvez ela estivesse prestes a perceber que Trent era um cretino.

Mas ele era tão, tão giro, e tinha aquele sorriso e...

— Não interessa — murmurou ela. — Os cretinos podem ser giros.

Ainda assim, pensou no assunto enquanto lavava as mãos, enquanto se estudava no espelho por cima do lavatório.

Ela não tinha os longos caracóis louros de Tiffany, nem os seus frios olhos azuis, nem o seu corpo de arrasar. A seu ver, era apenas normal.

Tinha cabelos castanhos normais, nos quais a mãe não a deixava fazer madeixas. Assim que completasse os dezoito anos e pudesse fazer o que quisesse com o *seu* cabelo, a mãe ia ver. Quem lhe dera não o usar preso num rabo de cavalo naquela noite, porque de repente estava a fazê-la sentir-se juvenil. Talvez o cortasse e usasse espetado como um *punk*. Talvez.

A sua boca era demasiado grande, ainda que Tish dissesse que era *sexy*, como a de Julia Roberts.

Olhos castanhos, mas não profundos nem dramáticos como os de Mi. Apenas castanhos, como o estúpido cabelo. Claro que Tish, sendo Tish, dizia que eram âmbar.

Mas não passava de uma palavra cara para «castanho».

Isso também não interessava. Ela podia ser normal, mas não era falsa. Como Tiffany, cujo cabelo também era castanho debaixo do louro oxigenado.

— Não sou falsa — disse ela para o espelho. — E o Trent Woolworth é um cretino. A Tiffany Bryce é uma galdéria. Podem ambos ir para o inferno.

Anuiu decididamente com a cabeça, ergueu-a e saiu da casa de banho.

Pensou que os estouros — petardos? — e os gritos fossem do filme. Amaldiçoando-se por se ter demorado e perdido uma cena importante, acelerou o passo.

Quando se aproximou da porta da sala, esta abriu-se de rompante. O homem, de olhos desvairados, deu um passo cambaleante antes de tombar para a frente.

Sangue... seria sangue? O homem agarrou-se à tapete verde, onde se alastrava a mancha vermelha, e depois ficou imóvel.

Clarões, ela via clarões através da porta que as pernas do homem mantinham aberta uns centímetros. Estouros e mais estouros, gritos. E pessoas, sombras e silhuetas caindo, correndo, caindo.

E a figura, escura na escuridão, percorrendo metodicamente as filas.

Simone viu, petrificada, essa figura virar-se e disparar sobre as costas de uma mulher que tentava fugir.

Ela não conseguia respirar. Se tivesse sido capaz de tomar ar, este teria sido expelido num grito.

Parte do seu cérebro rejeitava o que estava a ver. Não podia ser real. Tinha de ser como no filme. Apenas simulação. Mas o instinto foi mais forte e fê-la correr de volta para a casa de banho e agachar-se atrás da porta.

As suas mãos não queriam responder e ela agarrou atrapalhadamente na bolsa e no telemóvel.

O pai havia insistido para que o primeiro número de marcação rápida no seu telemóvel fosse o de emergência.

— Número de emergência. Em que posso ajudar?

— Ele está a matá-las. Ele está a matá-las. Socorro! As minhas amigas. Oh, meu Deus, oh, meu Deus. Ele está a balear pessoas.

Reed Quartermaine detestava trabalhar aos fins de semana. Também não gostava muito de trabalhar no centro comercial, mas queria regressar à universidade no outono. E a universidade incluía um pequeno detalhe chamado matrícula. Somando livros, alojamento e comida, não lhe restava outra hipótese senão trabalhar aos fins de semana no centro comercial.

Os pais cobriam a maior parte das despesas, mas não conseguiam pagar tudo. Não quando faltava um ano para a irmã ingressar no ensino

superior e o irmão já estava há três anos na American University de Washington.

Ele não queria seguramente passar o resto da vida a servir à mesa, por isso tinha de regressar à universidade. E podia ser que, antes de envergar outro capelo e capa, conseguisse decidir que diabo queria fazer o resto da vida.

Mas nos verões servia à mesa e tentava ver as coisas pelo lado positivo. A localização do restaurante do centro comercial era boa e as gorjetas não eram más. Servir à mesa no Mangia cinco dias por semana com turno duplo aos sábados podia arruinar-lhe a vida social, mas comia bem.

Tigelas de massa, pizzas a abarrotar e pedaços do famoso tiramisu do Mangia não haviam acrescentado muita carne à sua estrutura esguia e ossuda, mas não por falta de tentativa.

O seu pai alimentara em tempos a esperança de que o filho do meio seguisse as suas pisadas de estrela de futebol americano, como havia feito o filho mais velho, de modo inquestionável. Mas a total falta de jeito de Reed no campo e a sua magra constituição tinham desfeito essa esperança. Ainda assim, o facto de aos dezasseis anos ter já umas pernas muito longas e disponibilidade para correr todos os dias haviam feito dele uma espécie de estrela menor em atletismo, o que equilibrava um pouco a coisa.

Então a irmã aliviara a pressão com o seu enorme talento no campo de futebol.

Serviu uma mesa com quatro entradas: *insalata* mista para a mãe, *gnocchi* para o pai, palitos de mozzarella para o rapaz e ravioli frito para a rapariga. Flirtou de modo inofensivo com a rapariga, que lhe dirigiu longos sorrisos tímidos. De modo inofensivo, porque calculava que ela tivesse uns catorze anos e, por isso, estivesse fora do radar de um universitário prestes a entrar no segundo ano.

Reed sabia flertar de modo inofensivo com raparigas jovens, mulheres mais velhas e basicamente todas as outras de permeio. As gorjetas eram importantes e, depois de quatro verões a servir à mesa, ele era perito em seduzir os clientes.

Serviu a sua secção: famílias, alguns casais de idade, uns quantos encontros românticos de trintões. Provavelmente jantar e filme, o que lhe deu a ideia de ver se Chaz, subgerente na GameStop, queria ir à última sessão do filme *A Ilha* quando terminassem os seus turnos.

Passou cartões de crédito — a sedução na mesa três tinha-lhe rendido vinte por cento de gorjeta —, contornou mesas, entrou e saiu da cozinha de loucos e, finalmente, chegou a hora da sua pausa.

— Dory, vou tirar os meus dez minutos.

A chefe de sala perscrutou rapidamente a secção dele e acenou afirmativamente com a cabeça.

Reed saiu pela porta dupla de vidro e entrou no caos de sexta-feira à noite. Havia pensado enviar uma mensagem a Chaz e fazer a sua pausa na cozinha, mas apetecia-lhe sair. Além disso, ele sabia que Angie trabalhava no quiosque Fun In The Sun nas noites de sexta-feira e podia tirar quatro ou cinco dos seus dez minutos para um pouco de *flirt* não tão inofensivo.

Ela tinha um namorado inconstante, mas, de acordo com as últimas informações, estavam separados. Podia tentar a sua sorte e, quiçá, conseguir um encontro com alguém cujo miserável horário coincidia com o seu.

Deslocou-se rapidamente nas suas longas pernas pelo meio de clientes, de trupes de raparigas adolescentes e rapazes adolescentes que as seguiam, em torno de mães que empurravam carrinhos ou levavam crianças pequenas pela mão, através da incessante música que entorpecia o cérebro e que ele já não ouvia.

Reed tinha uma farta trunfa preta; herança da parte italiana da mãe. Dory não o chateava para que a cortasse e o pai tinha finalmente desistido. Os seus olhos encovados, verde-claros sobre a pele de tom oliva, iluminaram-se quando viu Angie no quiosque. Abrandou o passo, enfiou as mãos nos bolsos das calças e aproximou-se descontraidamente.

— Olá. Como vai isso?

Ela brindou-o com um sorriso e revirou os seus bonitos olhos castanhos. — Movimentado. Toda a gente vai à praia menos eu.

— E eu. — Reed encostou-se ao balcão onde estavam expostos óculos de sol, esperando parecer elegante no seu uniforme constituído por camisa branca, colete e calças pretos. — Estava a pensar ir ver *A Ilha*; a última sessão é às dez e quarenta e cinco. É quase como ir até à praia, não achas? Alinhas?

— Oh... não sei. — Angie mexeu nos cabelos, cujas madeixas alouradas condiziam com o bronzeado que ele calculava ser produto do autobronzeador exposto noutra montra. — Eu até queria vê-lo.

Ele sentiu-se esperançado e Chaz saltou da lista.

— Temos de nos divertir um pouco, não é?

— Sim, mas... Disse à Misty que nos podíamos encontrar depois de fechar.

Chaz regressou à lista. — Que fixe. Eu ia perguntar ao Chaz se queria vir. Podíamos ir todos.

— Talvez. — Ela sorriu novamente. — Sim, talvez. Vou perguntar-lhe.

— Ótimo. Vou agora falar com o Chaz. — Virou-se para dar mais espaço à mulher que esperava pacientemente enquanto a filha, que devia ter uns catorze anos, experimentava milhares de óculos de sol. — De qualquer forma, envia-me uma mensagem.

— Se eu pudesse levar dois pares — começou a rapariga, mirando-se ao espelho com um par de óculos com lentes azul-metálico. — Teria um de reserva.

— Só uns, Natalie. *São* os teus óculos de reserva.

— Eu mando-te uma mensagem — murmurou Angie, e virou a sua atenção para as clientes. — Esses ficam-te lindamente.

— A sério?

— Completamente — ouviu Reed Angie dizer enquanto se afastava. Acelerou o passo; tinha de recuperar o tempo.

A GameStop fervilhava com a habitual multidão de *geeks* e *nerds* e com os pais dos *geeks* e dos *nerds* mais novos, que, de olhos vidrados, tentavam fazê-los avançar.

Os monitores apresentavam uma diversidade de jogos: os familiares nos ecrãs de parede; os menos amigáveis estavam em portáteis individuais, para aqueles que tinham mais de dezoito anos ou supervisão parental.

Reed avistou Chaz, rei dos *nerds*, a explicar um jogo qualquer a uma mulher de ar confuso.

— Se ele gosta de jogos militares, de estratégia e construção, vai gostar deste. — Chaz ajeitou os óculos fundo de garrafa sobre o nariz. — Saiu só há um par de semanas.

— Parece tão... violento. É apropriado?

— Disse-me que ele faz dezasseis anos. — Cumprimentou Reed com um rápido aceno de cabeça. — E ele gosta da série *Splinter Cell*. Se gosta de jogar esses, deverá gostar deste.

A mulher suspirou. — Acho que os rapazes vão sempre jogar à guerra. Vou levar, obrigada.

— Pode pagar na caixa. Obrigado por comprar na GameStop. Não me posso demorar, pá — disse ele a Reed enquanto a cliente se afastava. — Estou atolado de trabalho.

— Trinta segundos. Última sessão, *A Ilha*.

— Estou deseioso de ver. Somos clones, meu.

— Excelente. Em princípio a Angie virá, mas quer trazer a Misty.

— Bem, eu...

— Não me desiludas, pá. É o mais próximo de um encontro que consegui sacar dela.

— Sim, mas a Misty é um bocadinho assustadora. E... Tenho de lhe pagar o bilhete?

— Não é um encontro. Estou a tentar transformar isto num encontro. Para mim, não para ti. Tu és o meu melhor amigo e a Misty é a melhor amiga da Angie. Clones — lembrou ele a Chaz.

— Está bem. Acho. Credo. Não estava a pensar...

— Ótimo — disse Reed antes que Chaz mudasse de ideias. — Tenho de ir. Encontramo-nos lá.

Reed apressou-se. Ia acontecer! Uma saída em grupo podia abrir caminho para algum tempo a sós com ela e isso abria a porta à possibilidade de uns toquezinhos.

Ele estava a precisar de uns toquezinhos. Mas naquele momento tinha três minutos para voltar para o Mangia, ou Dory arrancava-lhe o couro.

Começou a avançar a passos largos e rápidos quando ouviu o que lhe pareceu serem petardos ou uma série de estampidos de tubo de escape. Fazia-lhe lembrar os jogos de tiro da GameStop. Mais confuso do que alarmado, olhou para trás.

Então começaram os gritos. E o estrondo.

Não provinham de trás, constatou ele; vinham da sua frente. O estrondo eram dezenas de pessoas a correr. Saltou para se desviar de uma mulher que corria na sua direção empurrando um carrinho com um bebé a chorar.

Era sangue, aquilo no seu rosto?

— O que...

Ela continuou a correr, de boca aberta num grito silencioso.

Atrás dela vinha uma avalanche. Pessoas fugindo em debandada, pisando sacos de compra descartados, tropeçando neles e nas pessoas que iam caindo.

Um homem escorregou e deslizou pelo chão, os óculos saltaram-lhe do rosto e foram esmagados pelo pé de alguém. Reed agarrou-lhe no braço.

— O que está a acontecer?

— Ele tem uma arma. Ele disparou... ele disparou...

O homem levantou-se com um impulso e continuou a correr o mais rápido possível, a coxear. Um par de raparigas adolescentes entraram a correr e a gritar numa loja à sua esquerda.

E ele constatou que o barulho — *tiroteio* — não só provinha da sua frente, mas também de trás. Pensou em Chaz, a um *sprint* de trinta segundos atrás de si, e na família do restaurante, o dobro desse tempo à sua frente.

— Esconde-te, pá — murmurou ele a Chaz. — Procura algum sítio onde te esconderes.

E correu em direção ao restaurante.

Os estampidos e os tiros não cessavam e pareciam agora vir de todos os lados. Vidros estilhaçados caíam com estrondo, uma mulher com uma perna ensanguentada estava encolhida debaixo de um banco a gemer. Reed ouviu mais gritos... e, pior, como cessaram abruptamente, como uma gravação cortada.

Então viu o menino de calções vermelhos e *t-shirt* do Simão da *Rua Sésamo* a cambalear como um bêbedo diante da Abercrombie & Fitch.

O vidro da montra explodiu. As pessoas dispersaram, agacharam-se em busca de refúgio, e a criança caiu gritando pela mãe.

Do outro lado do centro comercial, Reed viu um homem armado — um rapaz? — a rir-se enquanto disparava, disparava, disparava. No chão, o corpo de um homem sacudia-se à medida que era atingido por balas.

Reed pegou na criança com a *t-shirt* do Simão enquanto fugia, prendendo-o debaixo de um braço como a bola de futebol americano que nunca havia sido capaz de manejar.

Os disparos, cujo som ele nunca mais esqueceria, aproximaram-se. Frente e costas. De todo o lado.

Nunca conseguiria chegar ao Mangia, não com a criança. Agindo por instinto, mudou abruptamente de direção e lançou-se para dentro do quiosque.

Angie, a rapariga com quem havia flirtado cinco minutos antes, há uma eternidade, estava estatelada numa poça de sangue. Os seus bonitos olhos castanhos fitavam-no enquanto o menino debaixo do seu braço chorava.

— Oh, meu Deus, céus. Oh, céus, meu Deus.

O tiroteio não parava, não parava.

— Tudo bem, tudo bem, estás bem. Como te chamas? Eu sou o Reed. Como te chamas?

— Brady. Quero a mamã!

— Muito bem, Brady, vamos já procurá-la, mas agora não podemos fazer barulho. Brady! Quantos anos tens?

— Estes. — O menino espetou quatro dedos enquanto lágrimas gordas lhe escorriam pelas faces.

— Então já és um menino crescido, certo? Temos de fazer silêncio. Há homens maus. Sabes o que são homens maus?

Com lágrimas e ranho a escorrerem-lhe pelo rosto, olhos esbugalhados de medo, Brady anuiu com a cabeça.

— Vamos fazer silêncio para os maus não nos encontrarem. E eu vou chamar os bons. A polícia. — Reed fez o melhor que pôde para evitar que o menino visse Angie, fez o melhor que pôde para evitar pensar nela, nela e em morte.

Abriu uma das portas deslizantes do armário e tirou os artigos do interior. — Enfia-te ali, está bem? É como brincar às escondidas. Eu fico aqui, mas tu entras ali enquanto eu telefono aos bons.

Ajudou o menino a entrar, sacou do telemóvel e foi então que viu no quanto lhe tremiam as mãos.

— Número de emergência, em que posso ajudar?

— Centro comercial DownEast — começou ele.

— A polícia está a par da situação. Está no interior do centro comercial?

— Sim. Tenho um menino comigo. Pu-lo dentro do armário do quiosque Fun In The Sun. A Angie, a rapariga que trabalhava aqui, está morta. Ela está morta. Meu Deus. Há pelo menos dois atiradores a atingirem pessoas.

— Pode dizer-me o seu nome?

— Reed Quartermaine.

— Muito bem, Reed, sente que está em segurança nesse local?

— Está a gozar comigo?

— Desculpe. Está num quiosque, por isso tem alguma proteção. Vou aconselhá-lo a manter-se onde está, a ficar resguardado no interior do edifício. Tem uma criança consigo?

— Ele disse que se chama Brady e tem quatro anos. Separou-se da mãe. Não sei se ela está... — Olhou em volta, viu que Brady se tinha encolhido, tinha os olhos vítreos e estava a chupar o polegar. — Provavelmente ele está em choque, ou coisa do estilo.

— Tente manter-se calmo, Reed, e em silêncio. A polícia está no local.

— Eles continuam a disparar. Não param de disparar. Riem-se. Ouvi-o a rir-se.

— Quem se estava a rir, Reed?

— Ele estava a disparar, a vitrina explodiu, estava um tipo no chão e ele continuou a disparar contra ele e a rir-se. Deus do Céu.

Reed ouviu uma gritaria; não os gritos desesperados, mas uma espécie de gritos de guerra. Algo tribal e triunfante. E mais tiros e depois...

— Parou. O tiroteio parou.

— Fique onde está, Reed. A ajuda vai ao seu encontro. Fique onde está.

Ele olhou de novo para o menino. Os olhos vítreos fitaram os seus. Ele disse: — Mamã.

— Vamos já procurá-la. Os bons vêm aí. Eles vêm aí.

Essa foi a pior parte, pensaria ele mais tarde. A espera... com o cheiro a pólvora a queimar o ar, os gritos de socorro, os gemidos e o choro. E ver nos seus sapatos o sangue da rapariga que nunca levaria ao cinema.

Capítulo Dois

As sete e vinte e cinco do dia 22 de julho, a agente Essie McVee concluiu o relatório *in loco* respeitante a uma amolgadela no parque de estacionamento do centro comercial DownEast.

Não havia feridos e os danos eram mínimos, mas o condutor do *Lexus* havia ficado bastante agressivo para com as três universitárias do *Mustang* descapotável.

Embora a culpa fosse nitidamente do *Mustang*, como admitira a chorosa condutora de vinte anos de idade, por ter saído de marcha-atrás sem olhar, o figurão do *Lexus* e a sua envergonhada acompanhante haviam, também nitidamente, bebido uns copos a mais.

Essie deixou o parceiro encarregar-se do *Lexus*, pois sabia que Barry viria com a velha treta das mulheres ao volante. Ela ignoraria isso, pois também sabia que Barry citaria o sujeito por condução sob influência de álcool.

Acalmou as raparigas, anotou declarações e informações, passou a multa. O condutor do *Lexus* não reagiu bem à acusação de condução sob influência de álcool, nem ao táxi que Barry mandou chamar, mas Barry controlou a situação com o seu habitual «ora bolas».

Quando o rádio deu sinal, ela ficou de ouvido alerta. Os seus quatro anos de serviço não evitaram que ficasse de coração acelerado.

Virou-se abruptamente para Barry e viu pelo seu rosto que também ele ficara alerta. Virou a cabeça para o seu microfone.

— Unidade quarenta e cinco no local. Estamos mesmo em frente do cinema.

Barry abriu a bagageira e atirou-lhe um colete.

Com a boca seca como pó, Essie vestiu-o e verificou a sua arma; nunca a havia disparado fora da carreira de tiro.

— Os reforços estão a caminho, chegam em três minutos. A Força de Intervenção de Elite está a mobilizar-se. Deus do Céu, Barry.

— Não podemos esperar.

Ela sabia os procedimentos, havia treinado para aquelas situações, mas nunca esperara ter de os aplicar realmente. «Atirador ativo» significava que todos os segundos contavam.

Essie correu com Barry em direção às amplas portas de vidro.

Ela conhecia o centro comercial e perguntou-se que ironia do destino a teria posto, e ao seu parceiro, a segundos de distância da entrada do cinema.

Não se perguntou se voltaria para casa para alimentar o seu gato idoso, ou para terminar o livro que começara a ler. Não o podia fazer.

Localizar, deter, distrair, neutralizar.

Visualizou a cena antes de chegarem às portas.

Entrar pelo átrio do cinema do centro comercial, virar à direita em direção à bilheteira, avançar para o balcão das pipocas, virar à esquerda e seguir pelo corredor até às três salas de cinema. O número de emergência indicara a presença de um atirador na sala um, a maior das três.

Perscrutou o interior através do vidro, entrou e avançou pela esquerda enquanto Barry avançava pela direita. Ouviu a música ambiente do centro comercial, o ruído surdo dos clientes.

Os dois rapazes no balcão das pipocas ficaram boquiabertos perante o par de polícias com armas em punho. Levantaram ambos os braços. O grande copo de refresco na mão do da esquerda caiu em cima do balcão e entornou-se.

— Mais alguém aqui? — perguntou Barry.

— S-s-só a Julie, no vestiário.

— Vá chamá-la e saiam daqui. Agora! Vão, vão!

Um deles precipitou-se para uma porta atrás do balcão. O outro continuou de braços levantados, ainda a gaguejar. — O quê? O quê? O quê?

— Saia!

Ele saiu.

Essie virou à esquerda, dobrou a esquina, viu o corpo estendido de brucos diante da porta da sala um e o rasto de sangue atrás do mesmo.

— Temos um cadáver — disse ela ao microfone, e continuou a avançar. Lenta e cuidadosamente. Passou pelas gargalhadas na sala à sua direita e seguiu em direção aos sons que pressionavam as portas da sala um.

Tiros, gritos.

Trocou um olhar com Barry e passou por cima do cadáver. Quando Barry anuiu com a cabeça, ela pensou: *Aqui vamos nós.*

Quando abriram as portas da sala de cinema, os sons de violência e medo saíram em torrente e a fraca luz do corredor infiltrou-se na escuridão.

Ela viu o atirador: sexo masculino, colete à prova de bala, capacete, óculos de visão noturna, uma espingarda numa mão e uma pistola na outra.

Durante o instante que ela demorou a registrar o que estava a ver, o atirador baleou pelas costas um homem que estava a fugir para a saída lateral.

Depois virou a espingarda para as portas da sala e abriu fogo.

Essie atirou-se para o chão para se esconder atrás da última fila e viu Barry ser atingido no colete e cair para trás.

No peito não, disse para si mesma enquanto a adrenalina lhe bombeava pelas veias; no peito não, porque, tal como Barry, o atirador usava um colete. Tomou três fôlegos rápidos, rolou e, para seu espanto, viu que o atirador subia pela coxa ao seu encontro.

Disparou baixo — ancas, virilha, pernas, tornozelos — e continuou a disparar mesmo quando ele tombou.

Teve de reprimir o impulso de ir ao encontro do seu parceiro e aproximou-se do atirador.

— Atirador abatido. — Mantendo a arma apontada a ele, tirou-lhe a pistola da mão e colocou o pé sobre a espingarda que ele tinha deixado cair. — Agente ferido. O meu parceiro foi baleado. Precisamos de assistência médica. Meu Deus, há muitas vítimas baleadas. Precisamos de ajuda aqui. Precisamos de ajuda.

— Temos informações de outro atirador ativo, provavelmente dois ou mais na zona do centro comercial. Confirma um atirador abatido?

— Ele está caído. — Essie olhou para a parte inferior do corpo do homem, para a enorme quantidade de sangue. — Não se vai levantar. — A respiração arquejante do atirador cessou naquele momento.

Ele tinha uma borbulha no queixo. Ela fitou-a até conseguir levantar a cabeça, até conseguir olhar para o que ele havia feito.

Corpos estendidos na coxa, tombados nas cadeiras, enroscados nos estreitos espaços entre filas, onde tinham caído ou tentado esconder-se.

Ela nunca esqueceria aquela imagem.

Quando uma brigada irrompeu pelas portas da sala de cinema, ela levantou uma mão. — Agente McVee. Atirador neutralizado. O meu parceiro...

Enquanto ela falava, Barry tossiu e gemeu. Essie começou a endireitar-se da sua posição de cócoras, sentiu uma vertigem e cambaleou.

— Foste atingida, McVee?

— Não. Não, só... Não. — Recompôs-se e aproximou-se de Barry.

— Da próxima vez que eu reclamar por estes coletes serem quentes e pesados, bate-me. — Barry inspirou com dificuldade. — Isto dói como o caraças.

Essie engoliu bÍlis e segurou na mão de Barry. — Teria doído mais sem o colete.

— Apanhaste-o, Essie. Apanhaste o filho da mãe.

— Sim. — Ela teve de engolir novamente, com esforço, mas anuiu com a cabeça. — Acho que é um miúdo. Barry, ele não está sozinho.

Entraram mais agentes e os primeiros socorros. Enquanto outras unidades policiais se precipitavam para o interior do centro comercial em busca de outro ou outros atiradores, Essie e Barry verificaram as casas de banho, o armazém, o vestiário.

— Precisas de assistência médica — disse-lhe ela quando se aproximavam da casa de banho das senhoras.

— Isso fica para depois. A que ligou para o número de emergência. — Barry acenou com a cabeça em direção à porta da casa de banho.

Essie abriu-a abruptamente, percorreu o interior das instalações de arma em punho e viu o seu rosto de relance nos espelhos por cima dos lavatórios. Estava muito pálida, mas era melhor do que o tom acinzentado que Barry apresentava sob a pele castanho-escuro.

— É a polícia! — gritou Essie. — Simone Knox? É a polícia.

O silêncio ecoou de volta.

— Talvez ela tenha saído.

As portas dos cubículos estavam abertas, mas uma delas pouco mais de uma fresta. — Simone — repetiu Essie enquanto se aproximava. — Fala a agente McVee, da polícia de Rockpoint. Já estás em segurança.

Essie abriu lentamente a porta e viu a rapariga agachada em cima da sanita, com as mãos a taparem os ouvidos.

— Simone. — Essie acocorou-se e pousou uma mão no joelho de Simone. — Já está tudo bem.

— Elas estão a gritar. Ele está a matá-las. Tish, Mi, a minha mãe, a minha irmã.

— Já chegou ajuda. Vamos procurá-las. Vamos tirar-te daqui, está bem? Tu foste muito inteligente. Ao ligares a pedir ajuda, salvaste vidas esta noite, Simone.

Simone levantou então os seus enormes olhos castanhos, repletos de lágrimas e choque. — O meu telemóvel ficou sem bateria. Esqueci-me de o carregar e morreu. Por isso escondi-me aqui.

— Tudo bem, não tem importância. Agora, vem comigo. Sou a agente McVee. Este é o agente Simpson.

— O homem, o homem saiu a correr e caiu. O sangue. Eu vi... eu vi... a Tish e a Mi estão no cinema. A minha mãe e a minha irmã estão a fazer compras.

— Vamos procurá-las. — Essie envolveu Simone com um braço, ajudou-a a descer e a sair. — Tu vais com o agente Simpson, e eu vou procurar a tua mãe, a tua irmã e as tuas amigas.

— Essie.

— Estás ferido, Barry. Leva a miúda. Garante que seja vista por um médico.

Ela conduziu a rapariga pelo corredor, para lá das salas de cinema. O relatório de situação transmitido por rádio informava que tinham sido abatidos mais dois atiradores. Ela esperava que não houvesse mais nenhum, mas precisava de ter a certeza.

Mas quando Barry começou a conduzir Simone em direção às portas de vidro e às luzes intermitentes dos carros da polícia e das ambulâncias, Simone parou e olhou diretamente para os olhos de Essie.

— Tulip e Natalie Nox. Mi-Hi Jung e Tish Olsen. Tem de as encontrar. Por favor. Encontre-as.

— Certo. Vou tratar disso.

Essie encaminhou-se no sentido oposto. Já não ouvia tiros e, graças a Deus, alguém desligara a música. O seu rádio crepitava, informando acerca de zonas livres de perigo, pedidos de assistência médica.

Ela parou e contemplou o centro comercial onde havia feito compras, deambulado e tomado o pequeno-almoço desde que tinha memória.

Levaria tempo, pensou ela, quase entorpecida, a remover os mortos, a tratar e a transportar os feridos, a tomar os depoimentos daqueles que haviam escapado ilesos; fisicamente ilesos, corrigiu ela. Essie duvidava que algum sobrevivente daquela noite saísse incólume.

Os paramédicos entravam naquele momento, mas havia muitos feridos por quem já nada podiam fazer.

Uma mulher com sangue a escorrer-lhe pelo braço embalava no colo um homem por quem já nada podiam fazer. Um homem vestido com uma camisola dos Red Sox jazia de bruços. Essie vislumbrou massa cinzenta na ferida que este tinha na cabeça. Uma mulher de vinte e poucos anos estava sentada a chorar diante do Starbucks com o avental salpicado de sangue.

Essie viu uma pequena sapatilha cor-de-rosa e embora rezasse para que a menina que a perdera tivesse encontrado um local seguro, sentiu um enorme aperto no coração.

Viu um rapaz de vinte e poucos anos, pouco mais que um adolescente, a cambalear para fora da loja GameStop. Os seus espessos óculos estavam apoiados de esguelha diante de uns olhos tão siderados como os de um sonâmbulo.

— Acabou? — perguntou-lhe ele. — Acabou?

— Estás ferido?

— Não. Bati com o cotovelo. Eu... — Passou aqueles olhos siderados por ela, depois pelos feridos ensanguentados, pelos mortos. — Deus do Céu, Deus do Céu. Na... sala dos fundos. Tenho gente na sala dos fundos. Como nos disseram para fazer se... Estão na sala dos fundos.

— Espera só um bocadinho. — Essie virou-se para usar o rádio, para perguntar se podia conduzir um grupo para o exterior e para que posto de controlo. — Como te chamas? — perguntou-lhe ela.

— Chaz Bergman. Sou o responsável pelo turno desta noite.

— Muito bem, Chaz, fizeste bem. Vamos lá buscar a tua gente. Estão agentes no exterior que tomarão os vossos depoimentos, mas vamos levar toda a gente lá para fora.

— Eu tenho um amigo. Reed, Reed Quartermaine. Ele trabalha no Mangia... o restaurante. Pode encontrá-lo?

— Vou encontrá-lo. — Essie acrescentou-o à sua lista.

— Acabou? — perguntou Chaz outra vez.

— Sim — disse-lhe ela, sabendo que era mentira.

Para todos os que haviam sido tocados pela violência naquele dia, não acabaria nunca.

Reed levava Brady sobre a anca quando avistou funcionários do Mangia. Alguns estavam sentados no passeio, abraçados uns aos outros. Rosie, envergando ainda o seu avental de cozinheira, tapou o rosto com as mãos.

Come essa massa, dizia-lhe sempre ela. Tenho de te engordar, menino magricela.

— Estás bem, estás bem. — Reed fechou os olhos e começou a agachar-se junto dela. Ela levantou-se de um salto e envolveu-o com os braços.

— Não estás ferido. — Rosie emoldurou o rosto de Reed com as mãos.

Ele abanou a cabeça. — Estão todos bem?

Rosie deixou escapar um som, algo dilacerante.

— Ele entrou e... — Rosie calou-se abruptamente ao dar-se conta do menino que Reed segurava. — Falamos disso depois. Quem é este menino bonito?

— Este é o Brady. — Nem todos estavam bem, pensou Reed. — Nós... ah... fizemos companhia um ao outro. Preciso de o ajudar a encontrar a mãe.

E ligar à sua, pensou Reed. Havia-lhe enviado uma mensagem do interior do edifício a dizer que estava bem, para não se preocupar. Mas precisava de ligar para casa.

— Os bons vieram. Foi o Reed que disse.

— Sim, vieram. — Rosie conseguiu esboçar um sorriso lavado em lágrimas.

— Quero a minha mamã.

— Vou pedir ajuda a um dos agentes.

Reed voltou a endireitar-se e aproximou-se de uma agente, porque pensou que talvez Brady aceitasse ir com uma mulher. — Senhora agente? Pode ajudar-me? Este é o Brady e ele não consegue encontrar a mãe.

— Olá, Brady. Como se chama a tua mãe?

— Mamã.

— O que é que o teu pai lhe chama?

— Querida.

Essie sorriu. — Aposto que ela tem outro nome.

— Lisa Querida.

— Muito bem, e qual é o teu nome todo?

— Brady Michael Foster. Tenho quatro anos. O meu papá é bombeiro e tenho um cão chamado *Mac*.

— Um bombeiro... e qual é o nome completo dele?

— Michael Querido.

— Muito bem. Espera um bocadinho.

Os bombeiros tinham sido dos primeiros a chegar ao local, por isso Essie abordou um. — Preciso de falar com o Michael Foster. Tenho o filho dele.

— O Foster é um dos meus. Tem o Brady? Ele está ferido?

— Não.

— A mãe dele está a caminho do hospital. Dois tiros nas costas, porra. O

Foster está neste momento à procura do menino. Ele não sabia que estavam aqui até os nossos paramédicos terem encontrado a Lisa. — Esfregou o rosto com as mãos. — Não sei se ela vai sobreviver. Ali vem ele.

Essie viu um homem atravessar rapidamente a multidão dominada pelo choque; constituição compacta, moreno, cabelo muito curto. Esticou-se, descaiu e mudou de direção para correr para o filho.

Nos braços de Reed, Brady soltou um guincho. — Papá!

Michael tirou o filho dos braços de Reed, abraçou-o e cobriu-lhe a cabeça e o rosto de beijos. — Brady, graças a Deus, graças a Deus. Estás ferido? Alguém te fez mal?

— A mamã caiu e eu não consegui encontrá-la. O Reed encontrou-me e ele disse que não podíamos fazer nenhum barulho e esperar pelos bons. Eu não fiquei calado como ele disse, mesmo quando ele me meteu no armário.

Os olhos de Michael encheram-se de lágrimas quando encontraram os de Reed. — És o Reed?

— Sim, senhor.

Michael estendeu rapidamente uma mão para apertar a de Reed. — Nunca serei capaz de te agradecer. Tenho coisas para te dizer, mas... — Calou-se quando a sua mente desanuviou o suficiente para reparar no sangue que cobria as calças e os sapatos de Reed. — Estás ferido.

— Não. Não me parece... Não é meu. Não é... — As palavras secaram-se-lhe na boca.

— Está bem. Tudo bem, Reed. Escuta, tenho de tirar o Brady daqui. Precisas de ajuda?

— Tenho de encontrar o Chaz. Não sei se ele está bem. Tenho de o encontrar.

— Espera.

Michael apoiou Brady na anca e sacou do rádio.

— Quero a mamã.

— Está bem, companheiro, mas nós vamos ajudar o Reed.

Enquanto Michael falava pelo rádio, Reed olhou em volta. Tantas luzes, tudo brilhante e desfocado. Tanto barulho. Vozes, gritos, choro. Viu um homem a gemer, a sangrar, numa maca que estava a ser carregada para dentro de uma ambulância. Uma mulher com um só sapato e com um fio de sangue a escorrer-lhe pela face, coxeava em círculos, chamando por Judy, até alguém de uniforme a levar.

Uma rapariga com um longo rabo de cavalo castanho estava sentada

num passeio a falar com um polícia. Não parava de abanar a cabeça, e os seus olhos cor de tigre cintilavam sob as luzes giratórias.

Reed viu carrinhas de estações de televisão e mais luzes brilhantes do outro lado da fita amarela da polícia. As pessoas aglomeravam-se atrás da fita, algumas gritando nomes.

Apercebeu-se então, súbita e violentamente, de que alguns dos nomes que gritavam nunca mais responderiam.

Começou a tremer de dentro para fora. Estômago, entranhas, coração. Os seus ouvidos começaram a zumbir, a vista turvou.

— Olha, Reed, e se te sentasses um bocado? Vou tentar saber do teu amigo.

— Não, tenho de... — Viu Chaz sair com um grupo de pessoas, acompanhados por polícias. — Céus. Céus. Chaz!

Ele gritou, como se fosse uma das pessoas atrás da fita da polícia, e desatou a correr.

No passeio, Simone esperava voltar a sentir as pernas. Sentir tudo outra vez. O seu corpo havia ficado dormente, como se alguém lhe tivesse injetado uma poderosa dose de novocaína.

— A tua mãe e a tua irmã estão bem.

Simone ouviu as palavras da agente McVee e tentou senti-las. — Onde estão elas? Onde estão elas?

— Vão trazê-las daqui a pouco. A tua mãe tem alguns ferimentos ligeiros. Ligeiros, Simone. Ela está bem. Elas entraram para uma das lojas, ficaram a salvo. A tua mãe ficou com alguns cortes provocados por pedaços de vidro projetados e bateu com a cabeça. Mas está bem, certo?

Simone só conseguiu abanar a cabeça. — A minha mãe bateu com a cabeça.

— Mas vai ficar bem. Elas conseguiram pôr-se a salvo e vão sair daqui a pouco.

— Mi, Tish.

Ela soube, entendeu pela maneira como a agente McVee colocou um braço em torno dos seus ombros. Não conseguia senti-lo, não propriamente; somente o peso.

O peso.

— A Mi está a caminho do hospital. Vão cuidar bem dela, fazer tudo o que lhes for possível.

— Mi. Ele atingiu-a? — perguntou ela com voz esganiçada, ferindo os próprios ouvidos. — Ele atingiu-a?

— Ela vai para o hospital e estão à espera para cuidar dela.

— Eu tive de ir fazer xixi. Não estava lá. Tive de ir fazer xixi. A Tish estava lá. Onde está a Tish?

— Temos de esperar que todos saiam, que todos sejam identificados.

Simone continuou a abanar a cabeça. — Não, não, não. Elas estavam sentadas juntas. Eu tive de ir fazer xixi. Ele atingiu a Mi. Atingiu a Tish. Estavam juntas.

Olhou para Essie e soube. E essa constatação fê-la voltar a sentir. Sentir tudo.

Reed deu um forte abraço a Chaz, sentiu que pelo menos parte do mundo havia voltado a estar bem. Mantiveram-se abraçados diante da rapariga de longo rabo de cavalo castanho e olhos de tigre.

Quando ela soltou um gemido agudo, sem palavras, Reed apoiou a cabeça no ombro de Chaz.

Ele sabia que aquele gemido continha um nome que nunca mais responderia.

Não conseguiram convencê-la a ir para casa. Estava tudo baralhado e confuso, mas ela sabia que estava sentada numa rija cadeira de plástico da sala de espera de um hospital. Tinha uma *Coca-Cola* nas mãos.

A irmã e o pai estavam com ela. Natalie encontrava-se aninhada contra o pai, mas Simone não queria ser abraçada nem tocada.

Ela não sabia há quanto tempo estavam à espera. Muito tempo? Cinco minutos?

Havia outras pessoas à espera, também.

Ela ouvia números, números diferentes.

Três atiradores. Oitenta e seis feridos. Umhas vezes o número de feridos subia, outras vezes descia.

Trinta e seis mortos. Cinquenta e oito.

Números a mudar, sempre a mudar.

Tish estava morta. Isso não mudaria.

Tinham de esperar nas cadeiras rijas enquanto alguém tirava vidro da cabeça da sua mãe e lhe tratava os cortes no rosto.

Ela tinha uma imagem desse rosto na cabeça, todos aqueles cortezinhos e a face pálida, muito pálida sob a maquilhagem. O cabelo louro da mãe, sempre perfeito, ensanguentado e emaranhado.

Haviam-na trazido numa daquelas macas rolantes com Natalie a chorar agarrada à sua mão.

Natalie não estava ferida porque a mãe a havia empurrado para o interior da loja. Depois a mãe tinha caído. Natalie puxara-a e arrastara-a para dentro, para trás de um expositor de camisolas e *t-shirts* de verão.

Natalie era corajosa. Simone dir-lhe-ia que era corajosa quando conseguisse voltar a falar.

Mas agora eles precisavam de tirar o vidro da cabeça da mãe e examiná-la porque ela tinha também batido com a cabeça e perdido os sentidos durante alguns minutos.

Traumatismo craniano.

Ela sabia que Natalie queria ir para casa, porque o pai não parava de lhe dizer que a mãe ia ficar bem e sairia em breve para irem para casa.

Mas Simone não queria ir e eles não podiam obrigá-la.

Tish estava morta, Mi estava no bloco operatório e eles não podiam obrigá-la.

Segurava a *Coca-Cola* com as duas mãos para que o pai não voltasse a segurar-lhe na mão. Ela não queria que ninguém lhe segurasse na mão nem a abraçasse. Ainda não. Talvez nunca mais.

Ela só precisava de esperar na rija cadeira de plástico.

O médico foi o primeiro a aparecer e o pai levantou-se de súbito.

O pai é tão alto, pensou vagamente Simone, *tão alto e bonito*. Envergava ainda o fato e gravata do trabalho porque havia acabado de chegar a casa de um jantar de negócios quando ouvira as notícias.

Voltara a sair rapidamente e pegara no carro para ir para o centro comercial.

O médico deu algumas informações ao seu pai. Traumatismo craniano leve, alguns pontos.

Quando a mãe apareceu, Simone levantou-se tremulamente. Até àquele momento, ela não se apercebera de que havia tido receio de que a mãe não estivesse realmente bem.

A mãe estaria como Mi, ou, pior, como Tish.

Mas a mãe entrou na sala de espera. Tinha aquelas ligaduras esquisitas nalgumas zonas do rosto, mas não estava pálida, pálida como antes. Como Simone imaginava que estivessem os mortos.

Natalie levantou-se de um salto e abraçou-se à mãe.

— Aqui está a minha menina valente — murmurou Tulip. — As minhas meninas valentes — disse ela, estendendo a mão para Simone.

E, finalmente, Simone teve vontade de ser tocada, vontade de abraçar e de ser abraçada. Fechou os braços em torno da mãe, com Natalie entre ambas.

— Estou bem, é só um galo na cabeça. Vamos levar as nossas meninas para casa, Ward.

Simone ouviu as lágrimas na voz da mãe e abraçou-a com mais força por mais um instante. E fechou os olhos quando o pai envolveu as três nos braços.

— Vou buscar o carro.

Simone recuou. — Eu não vou. Eu não vou para casa agora.

— Querida...

Mas Simone abanou veementemente a cabeça e afastou-se mais um passo do rosto cansado da mãe, com os seus cortes e ligaduras. — Não vou. A Mi... Eles estão a operar a Mi. Eu não vou.

— Querida, — tentou Tulip outra vez, — não há nada que possas fazer aqui e...

— Posso *estar* aqui.

— Natalie, lembra-te de onde estacionámos o carro?

— Sim, pai, mas...

— Leva a tua mãe lá para fora. — Passou a chave a Natalie. — Vão as duas para o carro e deixem-me um minuto a sós com a Simone.

— Ward, as meninas precisam de ir para casa. Precisam de sair daqui.

— Vão andando para o carro — repetiu ele quando Simone voltou a sentar-se de braços cruzados, numa perfeita imagem de desafiante tristeza. Deu um beijo na face da esposa, murmurou algo e depois sentou-se ao lado de Simone.

— Sei que estás assustada. Estamos todos.

— Não estavas lá.

— Também sei isso.

Ela percebeu a tristeza na voz do pai, mas não lhe deu importância. Afastou-a do pensamento.

— Simone, lamento imenso o que aconteceu à Tish. Lamento imenso o que aconteceu à Mi. Prometo-te que teremos notícias da Mi desde casa e que amanhã te trarei para a veres. Mas a tua mãe precisa de ir para casa, bem como a Natalie.

— Leva-as para casa.

— Não posso deixar-te aqui.

— Tenho de ficar. Eu abandonei-as. Abandonei-as.

O pai puxou-a contra si. Ela resistiu, tentou libertar-se, mas ele era mais forte e segurou-a até ela ceder.

— Lamento imenso o que aconteceu com a Tish e a Mi — repetiu ele. — E ficarei agradecido o resto da vida por tu não estares naquela sala de cinema. Agora preciso de cuidar da tua mãe e da tua irmã. Preciso de cuidar de ti.

— Não posso abandonar a Mi. Não posso, não posso. Por favor, não tentes obrigar-me.

Ele poderia tê-lo feito, e Simone receava que ele o fizesse, mas no momento em que começou a afastar-se dele, CiCi entrou a correr.

Longos cabelos ruivos esvoaçantes, meia dúzia de colares de contas e cristais em torno do pescoço, uma saia azul rodada e sandálias *Doc Martens*.

Levantou Simone com um movimento rápido e envolveu-a nos seus firmes braços de praticante de ioga e numa nuvem de perfume com aroma a pêssego e um ligeiríssimo toque a marijuana.

— Graças a Deus! Oh, meu amor! Oh, graças a todos os deuses e deusas. A Tulip? — perguntou ela a Ward. — A Natalie?

— Foram agora mesmo para o carro. A Tulip tem uns inchaços e uns arranhões, só isso. A Nat está bem.

— A CiCi fica comigo. — Simone virou os lábios para o ouvido da avó. — Por favor, por favor.

— Claro que fico. Estás ferida? Estás...

— Ele matou a Tish. A Mi... estão a operá-la.

— Oh, não. — CiCi embalou-a nos braços, chorou com ela. — Aquelas meninas doces, aquelas jovens tão doces.

— O pai tem de levar a mãe e a Natalie para casa. Eu tenho de esperar aqui. Tenho de esperar pela Mi. Por favor.

— Claro que tens. Eu olho por ela, Ward. Eu fico com ela. Levo-a para casa quando a Mi sair do bloco operatório. Eu olho por ela.

Simone percebeu o tom duro nas palavras de CiCi e soube que o pai estivera prestes a opor-se.

— Está bem. Simone. — Ele emoldurou-lhe o rosto com as mãos e beijou-lhe a testa. — Se precisares de mim, liga. Rezaremos pela Mi.

Simone viu-o sair e agarrou nas mãos de CiCi. — Não sei onde ela está. Podes descobrir?

CiCi Lennon tinha o dom de conseguir convencer as pessoas a dizerem-lhe o que queria saber, a fazerem o que ela achava que deviam fazer. Não demorou a levar Simone para outra sala de espera.

Aquela tinha cadeiras almofadadas, sofás e bancos; até máquinas de venda automática.

Simone viu os pais, a irmã mais velha, o irmão mais novo e os avós de Mi. O pai de Mi foi o primeiro a vê-la. Parecia mil anos mais velho do que quando haviam passado a buscar Mi para irem ao cinema.

Ele estivera a cuidar do jardim dianteiro, recordou ela, e dissera-lhes adeus com a mão.

O homem levantou-se e, com os olhos marejados de lágrimas, aproximou-se para a abraçar.

— Fico muito contente por não teres sofrido nada. — O seu inglês era perfeito e preciso, e ele cheirava a relva recentemente cortada.

— Eu deixei-as. Tive de ir à casa de banho e deixei-as. Então...

— Ah. Fico contente por isso. Senhorita Lennon, foi muito amável da sua parte ter vindo.

— CiCi — corrigiu ela. — Agora somos todos família. Gostaríamos de esperar convosco, de enviar à Mi os nossos pensamentos e luzes de cura.

O queixo do homem tremeu enquanto ele tentava recompor-se.

— Simone, meu tesouro, porque não te sentas ao lado da mãe da Mi? — CiCi colocou um braço em torno dos ombros do Sr. Jung. — Vamos dar uma voltinha.

Simone foi sentar-se ao lado da Sra. Jung. E quando a Sra. Jung lhe segurou na mão, Simone agarrou-a com força.

Ela sabia que CiCi acreditava em vibrações e luz, em queimar salva, em meditação. E todo o tipo de coisas que faziam a filha revirar os olhos.

Simone também sabia que se havia alguém capaz de pôr Mi bem através da pura força de vontade, era CiCi.

Por isso agarrou-se a esse pensamento com a mesma firmeza com que agarrava a mão da mãe de Mi.